

Agricultura itinerante ou moderna na Região Amazônica?

Eliseu Alves¹

Antes do advento dos insumos modernos, como fertilizantes, defensivos, máquinas e equipamentos de alta tecnologia, a agricultura seguia seu curso em busca de terras virgens, cobertas por matas. Machado e foice eram os equipamentos usados para derrubar a mata. Depois da derrubada, esperava-se que o material verde secasse, para depois queimá-lo, com a finalidade de deixar o terreno pronto para o plantio manual. A madeira de lei retirada era destinada a três propósitos: parte era usada na própria fazenda, outra parte era estocada e uma terceira era vendida. Aquela tecnologia era muito intensiva em trabalho, e as cultivares, pouco exigentes em fertilidade.

O cultivo da nova área prosseguia por alguns anos até que o nível de fertilidade tornasse a produtividade antieconômica. A área esgotada poderia, então, ou ser transformada em pastagem, ou deixada em pousio para o desenvolvimento da capoeira. Alguns anos depois, na área em pousio, o ciclo desmatamento-lavoura se reiniciaria, mas, desta vez, em uma terra com nível de fertilidade bem abaixo daquele do primeiro desmatamento. As pastagens também eram uma opção de exploração da terra, depois do desmatamento.

Esgotadas as terras de uma região, a agricultura migrava para outras regiões de mata virgem, em busca da fertilidade. Em resumo, a tecnologia da agricultura itinerante é descrita pelo machado, pela foice e pelo fogo. Fogo para

remover o entulho deixado pela derrubada, e fogo para queimar as coivaras, quando do preparo do terreno em terras já usadas. Ou seja, essa agricultura é toda baseada na seqüência derrubada-fogo-lavouras-pastagens, deixando para trás terras esgotadas.

No mundo, a agricultura itinerante foi o padrão de agricultura até o começo do século 20; no Brasil – no Sul, no Sudeste e no Centro-Oeste –, até a década de 1960. No País, por muitas décadas, os cerrados foram desprezados, porque seu nível de fertilidade natural era considerado incompatível com as lavouras e as pastagens plantadas.

Quando a terra é muito fértil, as culturas da agricultura itinerante podem permanecer por um período muito longo. Em terras pouco férteis, porém, como é o caso da Amazônia – onde, contudo, há exceções importantes –, logo a terra é esgotada.

Esse tem sido o padrão da agricultura da Região Amazônica. Nas condições atuais, na grande maioria de suas microrregiões, a tecnologia do fogo-machado-foice é imbatível, quanto a custo de produção. Essa técnica continuará a ser empregada até que se ofereça uma tecnologia alternativa, a exemplo do que já ocorre no Sul, no Sudeste e no Centro-Oeste.

E qual tecnologia poderia substituir o emprego do segmento machado-foice-fogo? A de máquinas, equipamentos, fertilizantes, defensivos e sementes melhoradas. Com ela, se recu-

¹ Eliseu Alves é pesquisador e assessor do diretor-presidente da Embrapa. As sugestões de Alberto R. Cavalcanti enriqueceram o texto.

peram as áreas empobrecidas e se reduz substancialmente a exploração de novas áreas. Essa tem sido a história da agricultura moderna, que economiza terra e trabalho.

Por que, então, ela não é adotada na Região Amazônica? Porque, naquela região, os preços dos insumos modernos são muito elevados. E, se não for removido este obstáculo – o dos custos elevados –, a agricultura itinerante continuará reinando, sem competição.

Discutir alternativas para a Região Amazônica, que reduzam o desmatamento e recuperem as terras empobrecidas, sem discutir como remover os obstáculos que impedem o acesso dos agricultores a insumos básicos, como calcário, fertilizantes, defensivos, máquinas e equipamentos, é perda de tempo.

Importar esses insumos da Ásia ou da África implica vários problemas. No caso de fertilizantes, custos menores seriam obtidos pelo uso de navios de grande porte. Alega-se, porém, que não existe demanda que justifique uma importação dessa magnitude. Resolvido o problema da importação, surgiria o da distribuição dos insumos e o conseqüente financiamento aos agricultores. Todos eles bastante complexos, mas não insolúveis.

Para a Região Amazônica, cogita-se em uma agricultura que economize terra com a finalidade de reduzir o desmatamento e de recuperar as terras degradadas. A recuperação das terras empobrecidas pode ser feita com o pousio, mas, sem a introdução de tecnologia moderna, essa solução é inviável, pois implica a retirada da população do meio rural.

Sem a recuperação das terras empobrecidas, o avanço da agricultura sobre a floresta é impossível de ser contido, pois a agricultura itinerante é o único recurso de que dispõe o agricultor. O dilema é claro: ou a agricultura itinerante ou a agricultura moderna. Em outros termos: ou desmatamento e fogo, ou máquinas e insumos modernos.

Desse modo, todo plano sério para preservar a floresta e recuperar áreas empobrecidas precisará ter um capítulo totalmente dedicado ao fornecimento de insumos – calcário, fertilizantes, máquinas e equipamentos –, e que considere, também, preços competitivos, logística de distribuição, financiamento e treinamento dos agricultores.

A alternativa – claramente inviável – seria retirar de lá os agricultores, murar a área e manter feroz policiamento para guardar o muro.

A pressão da opinião pública nacional e internacional concentrou a discussão no desmatamento e nas queimadas. Estardalhaços anunciam as punições, como se punir quem desobedece à lei fosse algo inusitado. Ora, isso é uma obrigação permanente e normal do Estado.

É melhor ter a discussão centrada no desenvolvimento da agricultura com preservação do meio ambiente. Por que não estabelecer pólos e neles resolver os problemas de infra-estrutura, distribuição de fertilizantes, máquinas, equipamentos, assistência técnica, industrialização e venda de produtos? Por que não mudar a retórica da punição para a do desenvolvimento, com preservação, retórica esta tão esquecida hoje?